REAÇÃO AOS OLHOS DE HUMANOS E CÃES: Comparação entre Participantes Autistas e com Desenvolvimento Típico

Ana Caroline Aramaki Hitomi; Andressa Goulart Crossetti; Andrielly Darcanchy de Toledo; Bruna Assunção; Guilherme Paes; Isabela de Moraes Benzoni; Júlia Pisani; Juliana Meirelles Gonçalves Ito; Mariana Fischer; Marina Belém Lavrador [1]
Monitora responsável: Tania Kiehl Lucci[2]

INTRODUÇÃO

O autismo é um dos Transtornos Globais de Desenvolvimento (TGD), que consistem em doenças de neurodesenvolvimento com impacto sobre os mecanismos cerebrais da socialização. Para o autismo, o diagnóstico se dá considerando três grupos de distúrbios: 1) Interação Social, 2) Comunicação e 3) Padrão restrito de comportamento e interesse. O diagnóstico autista requer comprometimento em pelo menos um dos 3 grupos antes dos 3 anos de idade. [1]

Há uma linha de pesquisa - dentro daquela que investiga os padrões de fixação social - que estuda o modo como autistas percebem as faces. Estudos anteriores indicam: (A) bebês autistas de cinco semanas evitam o olhar diretamente para a região dos olhos (Farroni, Csibra, Simion e Johnson, 2002, apud [2]), (B) autistas não olham para faces como um todo, mas se concentram em partes individuais, não relevantes socialmente e (C) autistas focalizaram 2 vezes mais na região da boca, 2 vezes menos na dos olhos, 2 vezes mais na do corpo e 2 vezes mais na de objetos, comparando com os indivíduos do grupo controle (Klin, Jones, Shultz, Volkmar e Cohen, 2008, apud [3]).

A partir dessa perspectiva, o Projeto Infante veio com a finalidade de investigar quão benéfica é a participação de um cão em sessões de terapia de uma criança autista, quantificando a tolerância de 18 crianças com autismo severo ao olhar de outro ser humano e de um cão. A comparação estatística das durações médias de desvio de olhar de cada estímulo entre as 16 crianças que completaram o teste mostrou que o tempo durante o qual desviaram o olhar das fotografias da mulher e do homem olhando diretamente para o observador foi significativamente maior do que o tempo médio durante o qual desviaram o olhar tanto da paisagem como das duas fotografias de um cão, olhando ou não para o observador. O intuito desse presente trabalho é verificar novamente essa hipótese, mas com técnicas mais precisas de medida.

OBJETIVOS

(1) verificar, em grupos de indivíduos com TEA e em indivíduos de desenvolvimento típico, se existe diferença no tempo de fixação do olhar na região dos olhos comparando faces de pessoas e de cães;
(2) verificar se indivíduos do grupo TEA evitam menos o olhar dos cães do que o olhar dos humanos.

MÉTODO

Materiais

- Childhood Autism Rating Scale (CARS) versão português (Pereira, 2007): 15 itens para avaliar o grau de autismo
- **Questionário sobre contato com cães:** 3 perguntas em forma de alternativa. Visa a verificar o grau de afetividade com cães no grupo de desenvolvimento típico.
-O equipamento Eye-Tracker: registra exatamente para qual área da imagem (ou vídeo) exposta na tela a pessoa está olhando e por quanto tempo fixa o olhar em cada ponto da figura.

Participantes

Tabela 1: Frequência, sexo e idade dos grupos de Desenvolvimento Típico (grupo controle) e de Transtorno de Espectro Autista (TEA)

Grupos	N	♂	♀	Idade Mínima	Idade Máxima	Média Idades	Desvio Padrão
Desenvolvimento típico	12	4 (33,3%)	8 (66,7%)	5	26	12,92	5,91
Transtorno de Espectro Autista	15	11 (73,3%)	4 (26,7%)	7	25	13,80	4,57

Tabela 2: Respostas do questionário do teste

Frequência de contato?

Respostas	Frequência
Sempre	7 (58,3%)
Muito	3 (25%)
Pouco	2 (16,7%)
Nunca	0

Medo de cachorros?

Respostas	Frequência
Muito medo	0
Pouco medo	3 (25%)
Nenhum medo	9 (75%)

Gosta de cachorros?

Respostas	Frequência
Gosto muito	8 (66,7%)
Gosto	4 (33,3%)
Indiferente	0
Não gosto	0

Procedimentos

Eram exibidas as imagens de rostos de homens e de mulheres olhando para frente ou para o lado, além de duas imagens neutras (o céu com nuvens e folhas de uma árvore) e duas figuras de interação, uma de um homem com um cão e outra de uma criança com um cão.

Figura 1: Exemplos de imagens apresentadas

RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS

Hipótese 1

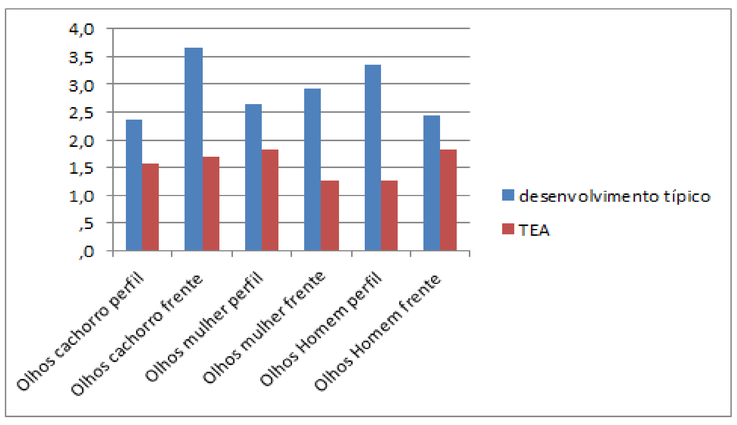

Gráfico 1: Tempo médio (em segundos) de duração de fixação do olhar na área dos olhos em indivíduos com TEA e com desenvolvimento típico

O tempo médio da fixação do olhar na região dos olhos dos indivíduos com desenvolvimento típico é maior do que o dos indivíduos com TEA em todas as fotos. Pela MANOVA, observou-se que as diferenças entre os dois grupos em relação ao tempo de fixação de olhar na região dos olhos de humanos e cachorros só são estaticamente significativas nas imagens em que tanto cachorros quanto pessoas estão de frente ($p<0,05$).

Hipótese 2

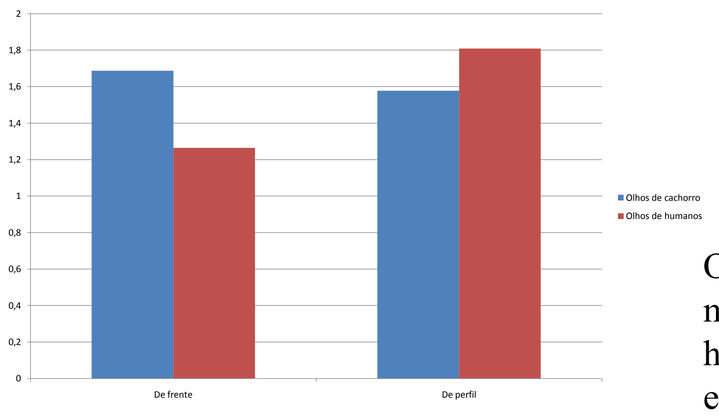

Gráfico 2: Tempo médio (em segundos) de duração de fixação do olhar na área dos olhos de cachorro e humanos, de frente e de perfil, em indivíduos com TEA

O tempo de fixação do olhar foi maior em cachorros do que em humanos quando estavam de frente, enquanto ocorreu o inverso no caso da foto de perfil. No entanto, pelo TESTE T pareado, verificou-se que essas diferenças não foram significativas. ($p>0,05$).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos pelos pesquisadores do Projeto Infante, assim, foram diferentes dos encontrados no presente trabalho, possivelmente devido a metodologias diferentes. O resultado sugere que esses indivíduos tem dificuldades de estabelecer contato visual direto tanto com pessoas quanto com cães. Os resultados contrariam nossa hipótese inicial de que o olhar dos cães fosse menos aversivo para os indivíduos autistas.

Novas pesquisas são necessárias para compreender os motivos do sucesso da Terapia Assistida com Cães. É possível, por exemplo, ampliar a pesquisa para outras áreas do rosto, não focando somente nos olhos e verificar se existem diferenças ou não nos padrões de olhar para crianças com TEA ou indivíduos normais.

BIBLIOGRAFIA

[1] Klin, A. (2006). Autism and Asperger syndrome: an overview. *Rev Bras Psiquiatria*, 28 (Supl I), S3-11.
[2] Klin, A., Jones, W., Schultz, R., Volkmar, F., & Cohen, D. (2002) Visual Fixation Patterns During Viewing of Naturalistic Social Situations as Predictors of Social Competence in Individuals With Autism. *Arch Gen Psychiatry ,59*, 809-816.
[3] Orsati, F. T., Mecca, T., Schwartzman, J. S., & Macedo, E. C. (2009) Percepção de faces em crianças e adolescentes com Transtorno Invasivo do Desenvolvimento. *Paideia, 44*, 349-356.
[4] Pereira, A. M. (2007) . *Autismo infantil: Tradução e Validação da CARS (Childhood Autism Rating Scale) para uso no Brasil*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Medicina.

[1] Graduandos de Psicologia no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
[2] Mestranda no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.